



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

TAMARA ANDREZA MONTEIRO DE LIMA QUEIROGA

**ESTUDO DIACRÔNICO DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO
PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA AOS METAPLASMOS
CONTEMPORÂNEOS**

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

TAMARA ANDREZA MONTEIRO DE LIMA QUEIROGA

**ESTUDO DIACRÔNICO DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO
PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA AOS METAPLASMOS
CONTEMPORÂNEOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L732e Queiroga, Tamara Andreza Monteiro de Lima
Estudo diacrônico da evolução da língua portuguesa / Tamara
Andreza Monteiro de Lima Queiroga. - Cajazeiras, 2016.
33f.
Bibliografia.
Orientador: Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva.
Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2016.
1. Língua portuguesa - história. 2. Latim vulgar. 3. Língua
portuguesa - evolução. I. Silva, Jorgevaldo de Souza. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 811.134.3(091)

TAMARA ANDREZA MONTEIRO DE LIMA

ESTUDO DIACRÔNICO DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus de Cajazeiras*, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovada em: 23 /05 / 2016

Banca Examinadora:

**PROF. DR. JORGEVALDO DE SOUZA SILVA – UFCG
(ORIENTADOR)**

**PROF. ESP. ABDORAL INÁCIO DA SILVA – UFCG
(MEMBRO)**

**PROF. DR. JOSÉ WANDERLEY ALVES DE SOUSA – UFCG
(MEMBRO)**

**PROF^a. DR^a. ROSE MARIA LEITE DE OLIVEIRA
(SUPLENTE)**

Dedico sumariamente e exclusivamente este trabalho à minha mãe; uma grande mulher que me incentivou (à sua maneira) a continuar nesse longo caminho.

AGRADECIMENTOS

Primariamente a Jeová Deus, o dador da vida. Por Sua causa tive saúde e paciência ao concluir este trabalho. Sou grata por cada milésimo de segundo do meu tempo. Grata também pela oportunidade de conhecer a Verdade, e saber discernir as coisas mais importantes.

Ao meu orientador, Jorgevaldo. Sei que dei muito trabalho, mas os resultados estão aqui graças a ti.

Os meus eternos agradecimentos também são dirigidos ao meu honrado esposo, meu eterno companheiro, meu confidente e meu amigo, Alysson. Obrigada por me suportar quando estava estressada, e por não deixar de me amar, de me ouvir, de me aconselhar.

Aos meus sogros, Hoga e Ginaldo, porque sei que nunca desistiram de me ver formada; Agradeço também as minhas amigas lindas, companheiras de estrada [e de desespero], Lizandra, Moanna e Hellen, foi muito bom dividir essa experiência com vocês.

Ao Centro de Formação de Professores, que me possibilitou cursar Letras.

E a todos que me incentivaram e torceram por mim, em especial meus amados irmãos, Taise e Tales.

Portanto, nunca fiquem ansiosos por causa do amanhã, pois o amanhã terá suas próprias ansiedades. Bastam a cada dia suas próprias dificuldades.

Mateus 6:34

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre a história da Língua Portuguesa e sua evolução, retratando e dialogando sobre possíveis embates entre os pensamentos e propostas linguísticas que marcam a perspectiva sociodiscursiva, tem como objetivo maior analisar as evoluções ocorridas ao longo do tempo em nossa língua. A investigação seguiu uma linha diacrônica, baseando-se na preocupação que existe com a língua em diversos campos sociais: na sua perspectiva sagrada, para a religião, com os vedas, protagonista do cenário e das marcas linguísticas; na filosofia, desde os gregos, conforme Gurpilhares (2004), que enfoca em sua pesquisa os caminhos para a Gramática Normativa; e em busca de identidade, debruçamo-nos nas análises de Coutinho (2011) e de Castilho (2010), ao (re)fazer o trajeto da Língua Portuguesa, que se inicia com o Latim Vulgar e se desenrola nos vários romances – modalidade da qual procedem as línguas românicas - vindo da Península Ibérica ao Brasil até chegar no formato atual da nossa língua. Isso porque, segundo Othero (2003), as línguas são modificadas de tal forma que, se isoladas geograficamente, passados muitos anos, acabam por tornarem-se incompatíveis. Com nossa língua não é diferente, a implementação do Português Brasileiro tem sido obscurecida por uma série de incompreensões e o conhecimento incompleto de nossa realidade linguística. Partindo de tais questionamentos e da relevância que a língua acarreta, este estudo se efetivou, comungando, ainda, com as perspectivas de Bagno (2011), ao afirmar que expor a história do Português é mostrar as mudanças linguísticas que lhe foram dando forma, e a partir daí promover uma língua ativa, que tem mais de duzentos milhões de usuários.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Latim Vulgar; Gramática histórica; Metaplasmos contemporâneos.

ABSTRACT

This work focuses on the history of the Portuguese language and its evolution, portraying and dialoguing about possible clashes between the thoughts and linguistics proposals that mark the perspective of social speech and has as objective to analyze developments over time in our language. The research followed a diachronic line, relying on the concern that exists with the language in different social fields: on its sacred perspective, for religion, with the Vedas, protagonist of the scenario and linguistic marks; in philosophy, since the Greeks, as Gurpilhares (2004), which focuses on your search paths for the Normative Grammar; and in search of identity, we are focusing in Coutinho's analyzes (2011) and Castilho (2010), remaking the trajectory of the Portuguese Language, which starts with the Vulgar Latin and unfolds in several novels - modality which proceed romantic languages - coming from the Iberian Peninsula to Brazil until arriving in the current format of our language. That's because, according Othero (2003), the languages are modified in such a way that, if isolated geographically, many years later, eventually become incompatible. With our language is not different, the implementation of the Brazilian Portuguese has been obscured by a series of misunderstandings and incomplete knowledge of our linguistic reality. Starting from such questions and the relevance that language entails, this study arose, concurring with, even with the prospects of Bagno (2011) affirms that expose the history of Portuguese is show the changes that have been giving linguistic form, and from there to promote an active language, which has more than two hundred million users.

Keywords: Portuguese Language; vulgar latin; grammar; contemporary metaplasms.

SUMÁRIO

1	ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....	11
2	METODOLOGIA.....	13
3	REVISÃO DA LITERATURA.....	15
3.1	PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA	15
3.2	ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	20
3.3	METAPLASMOS CONTEMPORÂNEOS	23
4.	AS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS NO ASPECTO RELIGIOSO.....	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS	31

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Entre tantas riquezas que nosso país possui, há uma que fascina mais: a Língua Portuguesa. Segundo autores como Castilho (2010), Coutinho (2011) e Gurpilhares (2004), ela está no ranking entre as mais faladas, e é fruto das variações que o latim vulgar sofreu, e das contribuições que os gregos puderam dar.

Por muitos anos, o Brasil permanece arraigado ao idioma de Portugal. Por causa das grandes navegações lusitanas e da vinda da família real ao Brasil, a Língua Portuguesa se estabeleceu em terras brasileiras, e há muito, é sinônimo de requinte e bom gosto. No entanto, a língua é viva, e como sabemos que todo ser vivo muda, com ela não poderia ser diferente. Depois de séculos de permanência em nosso país, é possível perceber a dispersão da língua, e a substituição de termos por novos dialetos e variações, próprios de nossa cultura.

Em vista disso, o presente trabalho tem no seu escopo o intuito de fazer um breve passeio desde a origem da gramática até os dias de hoje, debruçando-se sobre a história da Língua Portuguesa, e investigando as mudanças ocorridas no decorrer do tempo. Sua principal finalidade é analisar as diferenças acontecidas ao longo da história, para que seja possível obter métodos e propostas para o trabalho de língua materna em nossa realidade atual. A justificativa se reflete na relevância que o português falado no Brasil acarreta, e também pelos equívocos e resistências por parte de profissionais da área, em aceitar novas propostas linguísticas.

De cunho diacrônico, objetivamos seguir uma linha de pesquisa que se inicia no século V a. C. e vai até o século atual, para apresentar alguns fenômenos linguísticos que se deram com o tempo, para apontar aplicações ao ensino de língua portuguesa, a partir das mudanças que originam as variações dialetais, conseqüentemente nas novas propostas de ensino. Em meio a discussões entre gramaticistas e os novos pensadores, procuramos investigar os campos divergentes para propormos algumas considerações para a melhoria de nosso ensino. É frustrante ver alunos que saem da escola com sensação de alívio, por terem se livrado de professores e de algumas disciplinas, e muita das vezes, português é uma delas.

Ao refazer o caminho percorrido pela língua portuguesa da Europa até o Brasil, buscamos investigar vários segmentos sociais. No campo religioso, a Bíblia é um grande contribuinte para o olhar linguístico. E sabendo disso, nos deparamos com a Tradução do Novo Mundo revisada para o português brasileiro. Uma proposta atual, que surgiu a partir do fato de as línguas mudarem, principalmente nos últimos cinquenta anos. Permanecendo com o mesmo

objetivo, o de transmitir a mensagem de Deus às pessoas, a comissão de tradução da sede das testemunhas de Jeová, junto com um escritório de tradução dos Estados Unidos, substituiu palavras, termos e expressões, com base no uso moderno no Brasil.

Tendo em vista toda a problemática, este trabalho se divide da seguinte forma: uma breve introdução, que serve de norte ao leitor; a metodologia, descrevendo como elaboramos a constituição de nossa pesquisa; além disso, foi necessário fazer um percurso histórico da gramática; analisar as principais mudanças ocorridas em nossa língua; fazer uma análise dos resultados da pesquisa e deixar evidente nossas pretensões; para finalmente obter conclusões que reforcem as sugestões desencadeadas na análise. Espera-se que possamos contribuir para o campo linguístico, além de proporcionar oportunidades de direcionamento do ensino de língua materna numa perspectiva atual, capaz de preencher os vácuos deixados nos sujeitos aprendizes.

2 METODOLOGIA

Este trabalho de caráter bibliográfico, descreve algumas mudanças que a língua portuguesa sofreu no decorrer do tempo. Fizemos um apanhado geral de conceitos teóricos formulados por pesquisadores interessados na evolução da Língua Portuguesa e na necessidade de reconhecimento de um português brasileiro. Partimos da Grécia com as contribuições de Gurpilhares (2004), que desenvolveu um estudo acerca da origem da gramática normativa, nos possibilitando conhecer os motivos pelos quais levaram os gregos organizarem os primeiros compêndios regentes das normas linguísticas, bem como as primeiras classes de palavras. Sua contribuição deu-se pelo fato de que pudemos levar em conta a justificativa que legitimou o processo de iniciação de um código de língua portuguesa.

A partir daí, enfocamos a história da Língua Portuguesa na perspectiva de Coutinho (2011), que remonta ao Latim como origem de tudo, a fim de fazer um levantamento das mudanças que o português sofreu. Ele investiga a evolução da língua, desde o latim falado em Roma, na época da invasão peninsular, até os dias de hoje. Através de sua pesquisa, percebemos como a língua muda e como isso foi importante para a identidade linguística e cultural do Brasil. Fundamentar-se na teoria do referido autor enriqueceu nosso trabalho, no sentido de que fomos capazes de investigar alguns aspectos do início da construção idiomática portuguesa e da origem da nossa língua.

No processo de investigação das mudanças da língua, Castilho (2010) foi um importante pesquisador no processo de estudo de progressão da língua. Ele se interessa por cada fase histórica que levou a língua portuguesa adquirir seu caráter autônomo. O autor faz um embasamento teórico, desde as grandes navegações, e a vinda da família real ao Brasil para justificar o processo de aquisição da língua portuguesa no nosso país.

A fim de categorizar as mudanças, investigamos os metaplasmos, tanto na perspectiva de Carvalho (1981), que retratam as transformações dos vocábulos desde o latim até a língua portuguesa, como consta na gramática tradicional; como na de Botelho e Leite que mostram basicamente o mesmo percurso, porém nos dias atuais, os metaplasmos contemporâneos. Essa última classe explica o porquê da maioria dos “desvios” gramaticais. Por conseguinte, podemos ver a brilhante capacidade da língua de mudar com o passar dos tempos.

Com o intuito de voltar nosso estudo para os dias atuais, nos baseamos na perspectiva de Bagno (2007) e (2011), que intitula algumas expressões da língua portuguesa pouco comuns no Brasil, como arcaísmos. Para ele, é inviável permanecer arraigado a uma cultura linguisticamente distinta. Ainda para o autor, o português brasileiro existe e tem muitos

usuários, dando-nos a ideia de que seja infeliz a insistência de permanência no português de Portugal. Com essa ideia, reafirmamos que não haverá ensino de língua materna produtivo enquanto existirem lutas contrárias ao aparecimento de sua nova roupagem.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA

Segundo Gurpilhares (2004), o conceito de gramática vem sendo discutido e reformulado desde o período dos antigos gregos. Foi por volta do séc. V a.C que iniciaram os primeiros estudos linguísticos como ramo da filosofia, que mais tarde, deu-se o nome de Gramática Normativa. Para a autora, o estudo gramatical na Grécia antiga pode ser visto como constituído de três períodos principais: (1) o que se iniciou com os filósofos pré-socráticos e os primeiros retóricos, e continuou com Sócrates, Platão e Aristóteles; (2) o período dos estoicos; e (3) o período dos alexandrinos.

No primeiro momento, a preocupação com a língua era orbitante encontrando-se esparsa nas obras de cada autor do período, como em Platão com seu diálogo dedicado a questões linguísticas. Neste diálogo, além de tratar da língua como objeto de estudo, ele tratou da controvérsia entre os naturalistas, também chamados de analogistas, – os que acreditavam ser natural a relação entre a forma e o significado da palavra; e os convencionalistas, também chamados de anomalistas, – aqueles que acreditavam ser convencional essa relação.

Entre outras contribuições, destaca a autora, deve-se a Aristóteles, a criação das categorias do pensamento, também chamadas de categorias aristotélicas, posteriormente partes do discurso, e por fim classes de palavras. As classes de palavras foram criadas paulatinamente e são resultado de contribuições de vários nomes. Por exemplo, a Protágoras, sofista do séc. V a.C., deve-se a distinção dos 03 gêneros em grego; a Platão (429-347 a. C) deve-se a distinção entre substantivos x verbos (verbo + adjetivo); a Aristóteles (384-322 a. C) deve-se o acréscimo das conjunções; aos estoicos deve-se o acréscimo do “artigo”, e a divisão do substantivo em: próprio/comum; aos alexandrinos a criação de “paradigmas” ou “cânones” de flexão; a Dionísio da Trácia, autor da 1ª gramática grega deve-se a adição do “advérbio”, do “particípio”, “pronome” e “preposição”. Para a conceituação das classes de palavras, os gregos utilizavam uma mistura de critérios: semânticos, sintáticos e morfológicos, mas privilegiaram 1 ou 2 ao definirem cada classe.

A partir dos estoicos a língua passou a ser vista em obras independentes. Para eles, a língua era parte da filosofia. Eles trataram da pronúncia, da etimologia e da gramática, separadamente, privilegiando o estudo gramatical, mas sem estar interessados na língua em si mesma: como filósofos, a língua era para eles, a expressão do pensamento e dos sentimentos.

O período dos alexandrinos foi marcado por tratar a língua como literária, não filosófica, nem lógica, destacando-se assim entre os anteriores. Dois fatores contribuíram para seu interesse em estudar a língua como parte dos estudos literários: o desejo de tornar acessíveis aos contemporâneos as obras de Homero, e a preocupação com o “uso correto” da língua (pronúncia e gramática) a fim de preservar o grego clássico de corrupções. Gurpilhares (2004), afirma que foi nesse período que se codificou a chamada gramática tradicional do grego.

Partindo do latim como princípio de tudo, Coutinho (2011), adentra na história da Língua Portuguesa destacando as modalidades *clássico* e *vulgar* como aspectos que se tornaram cada vez mais distintos. As principais diferenças se deram na morfologia e na sintaxe.

Na morfologia, caracteriza-se o latim vulgar pela redução das cinco declinações do latim clássico a três; pela redução dos casos; pela tendência para tornar masculinos os nomes os nomes neutros quando no singular; pela substituição das formas sintéticas do comparativo e superlativo pelas analíticas; pelo uso dos demonstrativos e dos numerais como artigos; pela confusão nas conjunções; pela formação analógica de alguns infinitivos irregulares; pela transformação dos verbos deponentes em ativos; pela substituição do futuro imperfeito do indicativo por uma perífrase em que entrava o infinitivo de um verbo e o imperfeito indicativo de *habere* que deu origem ao nosso condicional; pelo uso do mais-que-perfeito do subjuntivo pelo imperativo de mesmo modo; pelo emprego de perífrases em lugar das formas passivas sintéticas; e pelo desuso de alguns tempos da conjugação do latim clássico.

No aspecto sintático, caracteriza-se pelas construções analíticas; pelo emprego mais frequente das preposições em vez dos casos; pela regência diferente de alguns verbos; e pela ordem direta.

A fim de classificar cada aspecto linguístico, o autor define o primeiro como o apuro do vocabulário, a elegância do estilo. Era uma língua artificial, rígida, imóvel; o segundo, por sua vez, representava a soma de todos os falares das camadas sociais mais humildes. Contudo durante muito tempo, em suas expansões naturais, pela ação dos gramáticos, da literatura e da classe culta, o latim vulgar se expande livremente mais tarde, com a ruína do império romano e o avassalamento dos seus domínios pelas hordas bárbaras, e sofre diversas modificações, pelas quais receberam o nome de romances; do vulgo, destacam-se obras de escritores da decadência romana. Esses acontecimentos resultam no aparecimento de várias línguas neolatinas, entre elas, a Língua Portuguesa. Coutinho (2011) afirma existir dez línguas desse grupo no mundo, elas carregam vestígios permanentes do latim.

Atualmente, a Língua Portuguesa é falada em Portugal, no Brasil, na Ilha da Madeira, no arquipélago do Açores, nas antigas e atuais colônias portuguesas da África, da Ásia e da

Oceania. Por causa da romanização dos bárbaros, encontramos vários termos de origem germânica no vocabulário português.

No entanto, nem sempre o português foi a língua oficial de Portugal. No início de sua nacionalidade, especialmente por causa dos romances, que antes eram falados, o idioma local era o galego-português, dialeto próprio da Galiza. Com a independência de Portugal, começou a aparecer diferenças entre o galego e o português, até que, com o tempo, o português começou a evoluir e a se transformar e por fim, se torna um idioma autônomo. A crescente expansão da Língua Portuguesa se deve em grande parte ao enorme processo de desbravamento de Portugal, que possuía colônias em praticamente todos os continentes, e às viagens de Camões. E por esse fato, deve-se ressaltar que o português se dividiu em diversas frações de dialetos, destacando-se acentuadamente e levando vantagem sobre a maioria das línguas mundiais. No século XII aparecem os primeiros textos inteiramente redigidos. A poesia e o gosto pela trova surgem como primeiras formas literárias. É digno de nota que o século XVI apresenta-se como o século de ouro da literatura portuguesa.

Após estudos aprofundados, foi-se conveniente dividir o português em *arcaico* e *moderno*, surgindo assim a disciplina gramatical, que pôs fim às incertezas e indecisões da época. As diferenças entre o português arcaico e o português moderno podem ser assinalados no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Para o autor, as diferenças aconteceram da seguinte maneira:

No *Vocabulário*, algumas palavras não guardaram posteriormente a mesma forma, outras se empregam hoje em acepção diferente, e muitas desapareceram sem deixar vestígio.

Na *Fonética*, no português arcaico, fazia-se distinção entre o valor do *s* e *ç*, do *s* intervocálico e *z*, do *ch* e *x*; o atual ditongo *-ão* era representado por *-om* nos substantivos e verbos que em latim terminavam em *-one* e *-udine*, os primeiros, e *-unt* os últimos: *sermom* (<sermone), *soidom* (<solitudine), *amarom* (*amarunt*); reuniam-se as vogais em hiato, que depois se desfez por crase ou ditongação: *esqueecer* (<escaecer), *maa* > *má*, *seer* > *ser*, *avoo* > *avô*; mantinha-se a nasalidade, resultante da influência do *m* ou *n* originário, sobre as vogais adjacentes, nasalidade que depois desapareceu ou fez desenvolver outros sons: *lua* (< luna), *corõa* (< corona); o sufixo *-vel* tinha a forma *-bil* ou *-vil*: *terríbil*, *semelhávil*.

Na *Morfologia*, na língua arcaica, os nomes terminados em *-nte*, *-or* e *-ês* eram uniformes: *a infante*, *nha*, *senhor*, *língua português*; alguns que atualmente não se modificam no plural flexionavam-se antigamente: *ourívezes*, *alférezes*, *arráezes*; muitos tinham gêneros diferentes: *fim*, *mar*, *planeta*, *cometa*, eram outrora femininos, enquanto que *tribo*, *coragem*, *linguagem*, eram masculinos; a segunda pessoa do plural dos verbos terminava em *-des*, ainda

hoje conservado nos monossilábicos, ou quando a essa desinência precede consoante nasal ou *r*: *amades*, *devedes*, o particípio passado dos verbos da 2ª conjugação terminava em *-udo*: *perdudo*, *conhoçudo*, terminação que ainda se conserva em *manteúdo*, *conteúdo*; havia particípios presentes em *-nte*, os quais depois se tornaram adjetivos, substantivos ou preposições: *temente*, *durante*; a terminação da terceira pessoa do pretérito era *-om*: *overom*, *amarom*; encontravam-se formas verbais, que por analogia ou por outro motivo qualquer foram substituídas por outras: *arço* (*ardo*), *pugi* (*pus*), *senço* (*sinto*), etc.

Na *Sintaxe*, na língua arcaica, variava o particípio passado junto ao verbo *ter* e *haver*: “averás passadas as tribulações”; a preposição *sem* podia reger o gerúndio: “*sem levando-a*”; usava-se o caso-complemento do pronome pessoal pelo caso-sujeito, e vice-versa: “*o coração pode mais ca mim*”, “*E o senhor disse... que enforcariam ell*”; o artigo precedia a expressão *um e outro*: “*a ua ouve nome dona Maria Soarez, a outra ouve nome dona...*”; com o sujeito coletivo do plural, o verbo poderia conservar-se no singular: “*hi morreo grandes gentes*”; a 2ª pessoa do subjuntivo substituída a do imperativo nas frases optativas: “*diga-mês mandado de mha senhor*”. São ainda características da sintaxe arcaica: o período muito extenso, ligado por conectivos ou particípios; a pontuação escassa; a colocação das palavras na frase mais livre, predominando a ordem inversa, etc.

Coutinho afirma que a ortografia portuguesa nunca foi uniforme, podendo até surgir mais de uma, uma vez que a etimologia dessa época dependia em grande parte da fantasia de cada autor. É então que surgem as primeiras compilações gráficas e as palavras escritas começam a sofrer influência etimológica.

A fim de explorar a história da ortografia portuguesa, Coutinho (2011) divide-a em três períodos: o fonético – a língua era escrita para o ouvido, o pseudoetimológico – inicia-se no século XVI e vai até o ano de 1904. O que caracteriza esse período é o emprego de consoantes geminadas e insonoras, como o *y*, *k*, *w*; e o simplificado – principia com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana em 1904 e chega aos nossos dias. Há dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro.

Segundo Spina (2008), alguns fatores foram determinantes no aparecimento das línguas neolatinas, entre os quais pode-se citar o tempo, a política de dominação dos romanos, a vastíssima extensão geográfica do Império e sua fragmentação política e, principalmente, a ação do substrato, conjunto de falares dos povos vencidos e conquistados que se infiltrou na língua do povo vencedor; e do superstrato linguístico, ligado ao desmembramento do Império Romano, e representado pela língua dos invasores germânicos e árabes. Apesar do triunfo sobre as línguas pré-românicas, o latim sofreu na fonética, no léxico e na morfologia, influências que

representam vestígios das línguas anteriormente faladas. Como diz Spina (2008, p.28) “Assim, da fusão entre romanos e povos conquistados foram, então, surgindo pouco a pouco novos dialetos, diferenciando-se no tempo e no espaço por força do substrato e, posteriormente, do superestrato”.

Dentro dessas condições, Castilho (2010) faz um esboço teórico sobre a história do português brasileiro. Para ele, história social de uma língua é o estudo das condições que levaram determinada comunidade a desenvolver uma língua própria, a receber uma língua transplantada, ou mesmo desaparecer, levando consigo sua língua. Segundo Castilho (2010), o português deriva do latim vulgar e expande-se pelo mundo com sua chegada à África, Ásia e ao Brasil. A história social do português brasileiro opera na interface de um conjunto de disciplinas: interface com a mudança gramatical, com a demografia histórica, a variação linguística; e a interface com a linguística textual diacrônica. Para o autor, a ninguém passou despercebida à relação entre a expansão do império e a Língua Portuguesa.

Segundo Castilho (2010), o português descende do indo-europeu e deriva diretamente do latim. Por volta do ano 400 d.C. o latim implantou-se na Península Ibérica, e entre o século VII e IX d. C., o latim vulgar dá surgimento ao romance: variações do latim que dão origem às línguas românicas ou neolatinas, entre as quais o galego-português e, posteriormente o português. Segundo o autor, o português expande-se pelo mundo a partir do século XVI com sua chegada à África, à Ásia e ao Brasil.

Castilho (2010), lembra que a partir do século III a.C., sobretudo por causa dos contatos com os gregos, a sociedade romana se dividiu em dois grupos socioculturais: os romanos cultos e romanos incultos. Passa a existir em Roma duas modalidades distintas de uma mesma língua: o latim clássico, a língua das escolas e academias e dos cultos, sempre escrito; e o latim vulgar, a linguagem do povo, dos incultos. E é do latim vulgar que procedem as línguas românicas, entre as quais o Português. O latim clássico escrito, utilizado na literatura romana, foi bem representado nas obras de Cícero e Virgílio, e desapareceu por volta do século V d.C.; e o latim culto falado, embora tenha continuado como língua da ciência, morreu por volta do século VII d.C. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma; de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências. Já o latim vulgar nunca desapareceria. As marcas do latim vulgar sobrevivem até hoje nas línguas românicas.

O castelhano e o português foram as línguas românicas que mais se difundiram pelo mundo. A implantação do português no Brasil é fruto das grandes navegações empreendidas pelos portugueses. Cabral descobre o Brasil em 1500 e a ocupação do território tem início por

volta de 1530. O Brasil hoje é a maior nação de língua portuguesa do mundo. O povoamento e a implantação da língua portuguesa no Brasil se deram a partir de oito focos irradiadores: quatro focos no século XVI; dois focos no século XVII; dois focos no século XVIII. A partir do século XVIII, o português sobrepõe-se à língua geral paulista, ou tupi antigo. No entanto, na região Norte a língua geral amazônica sobrevive até hoje. A hipótese meridionalista do povoamento português tem sido contestada sob a alegação de que a irradiação dos falares meridionais tinha-se processado já no território português, anteriormente à ocupação do Brasil.

É importante ressaltar que segundo Naro & Scherre (2007), havia em Portugal no início do século XVI, um tipo de estratégia para a comunicação com estrangeiros. Também chamado de “língua de preto”, se tratava de um sistema verbal utilizado durante as primeiras explorações navais na África Ocidental. Para os autores, existe documentação que comprova a historicidade da língua portuguesa no Brasil. Segundo eles, foi a partir do século XIII que a língua portuguesa começou a se espalhar entre a população brasileira.

Veja-se o que dizem Naro & Scherre (2007, p.29) “O quadro linguístico inicial que surge então é o de uma comunidade em que as línguas dos diversos grupos se influenciavam, principalmente através do aprendizado de segundas línguas por falantes não-nativos adultos”.

Segundo Perini (2010), pouca gente espera estudar gramática como parte de sua formação científica. Os estudos gramaticais oferecem uma visão da estrutura e do funcionamento da língua, porém não leva, nem nunca levou ninguém a desenvolver habilidades de leitura, escrita ou fala. Para o autor, é necessário que se elabore uma gramática do Português Brasileiro, para que não se eternize a tradição de um povo que não estuda a língua que fala, já que esta, em nosso país, é bastante diferente da língua escrita. Em geral se entende que as gramáticas usuais oferecem uma descrição completa da estrutura da língua, porém, para Perini (2010), nenhuma descrição gramatical pode ter a pretensão de ser completa e definitiva.

3.2 ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA

No século III a.C., os romanos invadiram a Península com o intuito de cessar a expansão de Cartago. Vencida Cartago, as legiões romanas dominaram toda a Península. Roma, paralelamente à sua conquista territorial, ia realizando a conquista linguística, impondo aos povos vencidos a sua língua: o Latim. Este não foi o Latim Clássico, mas o Latim Vulgar, usado pelo povo no trato comum. Com a queda e fragmentação do Império Romano, o Latim Vulgar passou a se desenvolver independentemente em cada região.

A justificativa para a permanência do latim vulgar advém da praticidade, sobretudo na fala. Segundo Bagno (2007), o latim clássico era uma língua sintética, ou seja, manifestava as funções sintáticas das palavras através de desinências; enquanto o latim vulgar, sendo uma língua analítica, manifestava as funções sintáticas das palavras por meio da ordem no sintagma e pelo uso de elementos como artigo e preposição. A tendência analítica recorrente na fala veio a eliminar algumas desinências, reduzindo, portanto, os casos. E para isso foi preciso enrijecer a ordem dos termos da oração: *SVO*. Consequentemente à essa redução, o latim vulgar simplificou os casos, permanecendo apenas dois: o nominativo e o acusativo, referentes a um caso reto e um caso oblíquo no português.

No século VIII, os árabes invadem a Península e impõem sua língua como oficial, mas os peninsulares continuaram a falar o latim vulgar modificado. Os árabes pouco influenciaram a Língua Portuguesa. Essa influência se restringe ao léxico: cerca de mil vocábulos de origem árabe existem no léxico português. Pertencem a grupos semânticos privados que definem bem as áreas em que a civilização árabe-islâmica então flamejava. Com ênfase para palavras pertencentes ao campo da agricultura, das plantas e dos animais; das ciências, das técnicas e das artes com os objetos e os instrumentos que lhes estão atrelados; além da organização administrativa e financeira; a culinária e a alimentação; a guerra, as armas e a vida militar; habitação rural e urbana. Este vocabulário compõe-se basicamente de substantivos, no entanto, por vezes se encontram adjetivos. É do árabe que se origina a preposição *até*. Boa parte das palavras de origem árabe já não pertence à língua viva atual e são percebidas como arcaísmos.

Os árabes foram definitivamente expulsos apenas em 1492. Afonso VI, rei de Leão e Castela, inicia as lutas para a expulsão dos mouros da Península Ibérica. O conde D. Henrique de Borgonha, como recompensa pelas lutas a favor do rei, recebe em casamento sua filha bastarda, D. Tareja, e como dote de casamento o Condado Portucalense. Afonso Henriques, filho desse casal, estende os limites do território mais para o Sul e em 1140 faz a sua independência em relação à Espanha proclamando-se o 1º rei de Portugal. A língua que se falava nessa região era o dialeto galeziano, o qual após a formação de Portugal passou a ser chamado Galaico-Português, expressão linguística comum à Galiza e Portugal. No entanto, à medida que Portugal estendia seus domínios para o Sul, cindiu-se a expressão galego-português em duas línguas diferentes: o galego que foi absorvido pela unidade castelhana, e o português, que continuou sua evolução, tornando-se a língua de uma nacionalidade e atingindo a perfeição atual que conhecemos.

A partir de então, veremos as principais mudanças internas que nossa língua sofreu no decorrer do tempo.

Carvalho (1981) afirma que metaplasmos são as alterações que as palavras sofreram durante a evolução do Latim vulgar para o Português; e os classifica em quatro: metaplasmos por *aumento*, por *supressão*, por *transposição* e por *transformação*.

Nos metaplasmos por aumento têm-se a *prótese*, que é o acréscimo de um fonema no início do vocábulo: *stare* > *estar*; a *epêntese*, que é o acréscimo de um fonema no meio do vocábulo: *humile* > *humilde*; e a *paragoge*, que é o acréscimo de fonema no fim da palavra: *ante* > *antes*.

Nos metaplasmos decorrentes de supressão, existem quatro tipos: a *aférese*, a supressão de um fonema no início do vocábulo: *attonitu* > *tonto*; a *síncope*, a supressão de um fonema no meio do vocábulo: *legenda* > *lenda*; a *apócope* que é a supressão de um fonema no fim da palavra: *mare* > *mar*; a *crase*, classifica-se como a fusão de duas vogais iguais em uma só: *colore* > *coor*.

Os metaplasmos por transposição podem-se dar por deslocamento de fonema ou de acento tônico da palavra. O deslocamento de fonema pode dar-se através da *metátese* e da *hipértese*. A *metátese* é a transposição de um fonema na mesma sílaba: *semper* > *sempre*; a *hipértese*, por sua vez, é a transposição de um fonema de uma sílaba para outra: *primariu* > *primairo*. O deslocamento do acento tônico recebe o nome de *hiperbibismo*, que compreende a *sístole*, que é o recuo do acento tônico da palavra: *pantânu* > *pântano*; e a *diástole*, que é o avanço do acento tônico da palavra.

Os metaplasmos ocorridos por transposição seguem diferentes denominações: *vocalização* – transformação de uma consoante em vogal: *nocte* > *noite*; a *consonantização* – a transformação de uma vogal em consoante. É possível a consonantização com as semivogais *i* e *u* latinas, que passam, respectivamente, a *j* e *v*: *uita* > *vida*; a *nasalização* – a passagem de um fonema oral a nasal: *nec* > *nem*; a *desnasalização* – a passagem de um fonema nasal a oral: *bona* > *bõa*; também se têm a *assimilação*, que é a transformação de um fonema em igual ou semelhante a outro existente na mesma palavra. A *assimilação pode ser total* – quando o fonema assimilado se iguala ao assimilador: *persona* > *peessoa*; *parcial* – quando o fonema assimilado apenas se assemelha ao assimilador: *auru* > *ouro*; *progressiva* – quando o fonema assimilador está antes do assimilado: *nostro* > *nosso*; e *regressiva* – quando o fonema assimilador vem depois do assimilado.

Os metaplasmos por dissimilação ocorrem porque há diferenciação de um fonema por já existir outro igual na palavra: *liliu* > *lírrio*; A *sonorização ou abrandamento* é a passagem de uma consoante surda à sua homorgânica sonora. É importante ressaltar que só ocorre a sonorização se a consoante surda estiver em posição intervocálica. As surdas que se sonorizam

são: *p > b: lupu > lobo; t > d: civitate > cidade; c (quê) > g (guê): pacare > pagar; c (e,i) > z: acetu > azedo; f > v: profectu > proveito; b > v: caballu > cavalo*. A passagem do *b* para *v* recebe o nome de **degeneração**. A **palatização** é a transformação de um ou mais fonemas em uma palatal. É comum ocorrer em: *n (e,i) + vogal > NH: aranea > aranha; l (e,i) + vogal > LH: folia > folha; pl, cl, fl > CH: pluvial > chuva, clave > chave, flamma > chama; cl, pl, gl > LH: oculo > olho, scoplo > escolho, tegla > telha; sc, ss (i,e) > X: pisce > peixe, passione > paixão; s (i) > J: basiu > beijo*. O processo de **assibilação** é a transformação de um ou mais fonemas em uma sibilante. Geralmente se dá em: *t (e,i) + vogal > Ç ou Z: lentiu > lenço, bellitia > beleza; c (e,i) + vogal > Ç ou Z: lancea > lança, judiciu > juízo*. **Ditongação** é a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo: *sto > estou*. **Monotongação ou Redução** é a simplificação de um ditongo em uma vogal: *auricula > orelha*. A **apofonia** é a mudança de timbre de uma vogal por influência de um prefixo: *in + aptu > inepto*. A **metafonia** é a mudança de timbre de uma vogal tônica por influência de outra, geralmente *i* ou *u*: *debita > dívida*.

Segundo Bagno (2007), outro processo de mudança da língua é o vocalismo – estudo da evolução dos fonemas vogais na mudança linguística do latim para o português. Nessa concepção, o latim clássico tinha cinco vogais: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Segundo a quantidade, elas podiam ser breves ou longas. A essas diferenças de quantidade estavam associadas diferenças de timbre:

ě ĭ ǔ — breves e abertas ē ī ō ū — longas e fechadas

O /a/, breve ou longo, tinha o mesmo timbre.

No latim vulgar, desapareceu a oposição quantitativa, e as vogais passaram a se diferenciar apenas pelo timbre, ou seja, abertas e fechadas. No entanto, em toda a România, o *i* aberto se confundiu com o *e* fechado, e o *u* aberto se confundiu com o *o* fechado. Desse modo, as dez vogais do latim clássico (cinco breves e cinco longas) se reduziram no latim vulgar a sete.

3.3 METAPLASMOS CONTEMPORÂNEOS

Depois de passar brevemente pelo processo histórico da língua portuguesa, é certo dizer que as mudanças continuam incessantemente, seja por questões cronológicas, políticas, geográficas ou até mesmo financeiras. Sabendo que toda língua é viva, não poderemos deixar de continuar destacando as tantas alterações que continuam ocorrendo com a nossa língua. O Brasil é um país rico em diversidade cultural e linguística, e por causa disso, é comum nos

depararmos com diferentes modos de falar em cada região do país. São esses jeitos próprios da terra brasileira que fazem reavivar o poder de transformação da língua.

Anteriormente foi-se apresentado um panorama dos metaplasmos. Até então foi apresentado metaplasmos que marcam as alterações dos vocábulos do latim para o português de Portugal. Agora, portanto, veremos a perspectiva de Botelho & Leite quando diz que:

Os metaplasmos não são simplesmente os processos que a língua sofreu na passagem do Latim para o português mas, como podemos verificar na língua atual, estes fenômenos continuam agindo e transformando a Língua Portuguesa.

O que segue é uma descrição dos autores:

Nos metaplasmos decorridos por epêntese ocorrem a inserção de um fonema no meio da palavra. Dos casos em que ocorre epêntese, observadas em nossa língua oral, destacamos: asterisco > asterístico; lista > listra (forma registrada em dicionário); beneficência > beneficiência; prazerosamente > prazerosamente; e estalo > estralo (forma registrada em dicionários).

A ***anaptixe*** (ou suarabácti), por sua vez, é o nome dado ao fenômeno de acrescentar uma vogal para desfazer um grupo consonantal: ignorante > iguinorante; pneu > peneu ou pineu; e advogado > adevogado ou adivogado.

Paragoge (ou epítese) é o nome dado ao metaplasmo que acrescenta um fonema no final da palavra: mártir > mártire; e variz > varize.

Prótese é o nome que caracteriza o fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra: renegar > arrenegar (forma registrada em dicionários); lagoa > alagoa (à semelhança de Alagoas – estado brasileiro); voar > avoar (forma registrada em dicionários); lembrar > alembrar; e soar > assoar (forma registrada em dicionários, com a acepção de “limpar o nariz”). Pode ser considerado prótese o caso de aglutinação: de repente > derrepente; a frete > afrete (ou àfrete, de à frete); e a cerca de > acerca de (forma registrada em dicionários).

Os metaplasmos por supressão ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo. Veremos neste grupo os fenômenos da aférese, da apócope, da síncope e da haplologia.

Aférese é o nome que caracteriza o fenômeno de supressão de um fonema (ou uma sílaba) do início de um vocábulo: ainda > inda; até > té; está > tá (forma registrada); espera > péra; José > Zé; você > cê; uniforme > niforme (ou liforme).

Apócope é o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo: bobagem > bobage; quer > qué; saber > sabê; passar > passá; parênteses > parentes; furúnculo > furunco; lâmpada > lampa; rapaz > rapá; pôr > pô; e licença > cença.

Síncope é o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo: horóscopo > horospo; bêbado > bebo; cócegas > coscas; padrinho > padinho; também > tamém; mesmo > memo; murcho > mucho; negro > nego; compadre > cumpade; experimento > expremento, e drible > dibre (com rotacismo, por assimilação total progressiva do “l” drible > drible).

Haplologia é o nome dado ao fenômeno que suprime a primeira, de duas sílabas sucessivas, no meio da palavra, por ter semelhança sonora com a seguinte. Esse fenômeno é uma modalidade da síncope: entretenimento > entretimento (forma registrada em dicionários); paralelepípedo > paralepípedo; e infalibilidade > infabilidade.

Os metaplasmos por transposição se dão por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra. Veremos neste grupo alguns casos de metátese, de hipértese, de sístole e de diástole.

Metátese é o nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo: perto > preto; perguntar > preguntar; barganha > braganha; prateleira > parteleira; entreter > enterter, e entretela > entertela.

Hipértese é o nome dado à transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo: nervoso > nevroso; e bicarbonato > bicabornato.

Sístole é o nome dado ao deslocamento, por recuo, do acento tônico de um vocábulo: rubrica > rúbrica; ruim > ruim (rú); filantropo > filântropo; acrobata > acróbata (forma registrada em dicionários).

Diástole é o nome dado ao deslocamento, por avanço, do acento tônico de um vocábulo: opto > opito (pí); gratuito > gratuítio; água > aguo (gú) (forma aceita); íterim > íterim (rím); e designo > desiguino (guí).

Os metaplasmos por transformação ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro. Aqui veremos alguns casos de degeneração, desnasalação, dissimilação, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, metafoia, nasalação, palatização, sonorização (ou abrandamento) e de despalatização.

Degeneração é o nome dado ao processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/: assobiar > assoviar (forma registrada em dicionários); basculante > vasculante (ou vasculhante); e travesseiro > trabesseiro.

Desnasalação é o nome dado ao processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral: virgem > virge; homem > home; benjoim > beijoim (forma registrada em dicionários); e fizeram > fizeram.

Dissimilação é a transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo: pílula > pírua; estrambótico > estrambólico; itinerário > etinerário; e privilégio > previlégio.

Rotacismo é a transformação do fonema /l/ em /r/: alface > arface; almoço > armoço; aluguel > aluguer (forma registrada em dicionários); Flamengo > framengo; flauta > frauta (forma registrada em dicionários); flecha > frecha (forma registrada em dicionários).

Lambdacismo é a transformação do fonema /r/ em /l/: freira > flera (ê); e cabeleireiro > cabelero (com monotongação de “-lei-” e “-rei-”).

Ditongação é o nome dado à transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija; caranguejo > carangueijo; e saudar (sa-u-dar) > saudar (sau-dar) (pronúncia mais incidente).

Monotongação é o nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: freira > flera (ê); doutor > dotor; Europa > Oropa; Eugênio > Ogênio; rouba > roba (ó); trouxe > truxe; polícia > poliça; sou > sô; jogou > jogô; besouro > besoro (ô); louco > loco (ô); cabeleireiro > cabelero (ou cabelero, com assimilação total progressiva de “r”); manteiga > mantega; caixa > caxa; pouco > poco; queijo > quejo; beijo > bejo; treino > treno; beira > bera; ameixa > amexa; e peneira > penera (ê).

Metafonia é o nome dado à alteração do timbre ou altura de uma vogal: direito > dereito; diferente > deferente; semente > simente; e cadê > quedê (forma registrada em dicionários).

Nasalação é o nome dado à transformação de um fonema oral a um fonema nasal: até > inté; aipim > aimpim; igual > ingual; identidade > indentidade; ignorante > ingnorante; frenesi > frenesim (forma registrada em dicionários); idiota > indiota; e mostuário > monstuário; mortadela > mortandela;.

Palatização é o nome dado à transformação de um ou mais fonemas em uma palatal: Antônio > Antonho; avião > avinhão; basculante > basculhante (vasculhante); demônio > demonho; família > familia; e salsicha > salchicha (forma registrada em dicionários).

Sonorização (ou abrandamento) é o nome dado à transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora: cuspir > guspír; e constipado > gustipado.

Despalatização é o nome dado à transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral: cabeçalho > cabeçálio (ou cabeçário); e docinho > docim.

Todos os casos revelam o quão é relevante o processo de mudanças dos vocábulos portugueses. Mostramos, apenas, uma parcela delas, porque na verdade, o trabalho de investigação da língua continua. A língua portuguesa, como qualquer outra, sempre estará em evolução. Talvez daqui a vinte anos, palavras ou expressões ditas atualmente sejam escassas e rotuladas de arcaísmos. A pretensão de mostrar essas mudanças é afirmar que o professor deve levar em conta esses aspectos. Muitas vezes o que é “errado” pode ser simplesmente um metaplasmo ou um neologismo, comuns no desenvolvimento e efetivação de toda e qualquer língua.

4. AS MUDANÇAS LINGUÍSTICAS NO ASPECTO RELIGIOSO

Atualmente, há dificuldades didáticos-pedagógicas no que se refere ao uso predominante da língua brasileira, porém, há os que ousam. Baseadas nas mudanças que as línguas sofrem com o passar dos anos, as Testemunhas de Jeová lançaram a Tradução do Novo Mundo revisada para o português brasileiro. A obra compreende a Bíblia Sagrada com uma linguagem mais clara e objetiva. Um ano após seu lançamento, é possível ver o contentamento por parte dos cristãos, além do reconhecimento por parte de pessoas que não tem, ou não tinham o costume de ler a Bíblia. A Tradução do Novo Mundo foi revisada por uma comissão de tradução e levou em conta as dificuldades que as pessoas tinham em entender o sentido de muitas palavras, e que poderiam levar ao comprometimento da mensagem. Ao esboçar as características da nova revisão, a comissão de tradução dá detalhes sobre algumas mudanças:

Por exemplo, a palavra “longanimidade” é hoje pouco conhecida e de difícil compreensão. Por isso, foi substituída por “paciência”, que transmite a mesma ideia e é mais conhecida atualmente. (Gálatas 5:22) O mesmo acontece com a palavra “iníquo”, que foi substituída por equivalentes como “mau”, “aquele que é mau”, “perverso”, e assim por diante, para facilitar a compreensão. (Gênesis 18:23) Nesta edição revisada, a palavra “fornicação” foi em geral substituída por “imoralidade sexual”, a expressão “conduta desenfreada” por “conduta insolente”, e “festanças” por “festas descontroladas”. (Gálatas 5:19-21) (APÊNDICE A DA TRADUÇÃO DO NOVO MUNDO)

Visando traduzir o mais literal possível, sem alterar o texto, que se origina do hebraico e do grego, a revisão pôde melhorar o sentido bíblico, substituindo palavras e expressões que não são comuns em nossos dias, por vocábulos fáceis de entender. Essa revisão traz contribuições para o campo linguístico, tratá-la, portanto, como objeto de estudo é acima de tudo, reconhecer que, como um dos livros mais antigos da história humana, a Bíblia revela a magnífica capacidade que a língua tem de mudar, conforme a necessidade e o gosto.

Tendo em vista os fatos concretos e as propostas, sabemos que há um longo caminho até que se estabeleça padrões definitivos de aquisição da língua brasileira. No entanto, sabemos que esse mesmo caminho apenas será feito se existir iniciativa. Sem dúvida, é um enorme desafio, mas enquanto não correremos riscos, não saberemos o que é ser um país completamente independente. Ao tomar como base a Bíblia, concordamos com a possibilidade de uma gramática revisada. Assim como a organização de Jeová, os linguistas podem começar a se preocupar com a realidade linguística e as necessidades das pessoas. É interessante que surjam contrapontos e discussões sobre essa pesquisa, porque é a partir de questionamentos e divergências de opiniões, que pensamentos críticos construtivos surgem. Aderir às propostas dadas é engrandecer e dar visibilidade à nossa língua, cultura e tradições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito maior deste trabalho ao descrever algumas transformações da Língua Portuguesa foi evidenciar o processo de constante evolução pela qual todas as línguas sofrem. O português atual se distancia muito do português arcaico ou mesmo do português de dez anos atrás. O que está em jogo não é afirmar ou (des) afirmar a teoria da evolução da língua, e sim, aprender a manejar corretamente os novos vocábulos e as novas expressões.

Foi necessário ancorarmo-nos em Bagno (2011), um dos principais defensores de uma gramática brasileira, e que trata a língua como um sistema aberto, sempre em elaboração. Para ele, as mudanças sejam elas, internas ou externas, são partes da língua e da sociedade como um todo. A Língua Portuguesa no Brasil se afastou dos pressupostos originais, produzir uma comunicação uniforme entre os falantes, e com o tempo, tornou-se uma língua secundária imposta por um sistema rígido de regras gramaticais. Visando uma ampla abordagem do ensino de língua materna, propomos um ensino voltado para as mudanças, para as variações linguísticas e regionais. Se nos determos somente ao que a Gramática pressupõe, estaremos presos à uma língua diferente e cultura divergente à nossa.

Bagno (2003), afirma que o que está em evidência não é preconceito linguístico, como ele próprio já havia exposto, e sim, preconceito social, uma vez que a língua é parte do ser humano. Para ele, o erro crasso proposto pelos gramaticistas não passa de discriminação social, política ou regional. O que para uns, os menos favorecidos, é tachado de erro crasso, para a elite e o poder, corresponde a um deslize ou puro descuido. Nesse ponto de vista, a língua se obscureceu, tornando-se inacessível. Falar errado nada mais é que, a grosso modo, dizer que

uma pessoa que aprendeu a se comunicar através da língua portuguesa, não sabe o idioma. Essa ideia tem ganhado força nas mentes dos poderosos tradicionalistas.

Estudar o brasileiro parece algo impossível, pois para alguns, é mais cômodo permanecer em um sistema de ensino tradicional, rígido e conservador. Bagno (2003), afirma que estudar brasileiro é assumir o papel do especialista, do cientista, do investigador em tempo integral, ocupado e preocupado em levar adiante seu conhecimento e em contribuir para o conhecimento dos outros.

Sugerimos que as faculdades, sobretudo as de Letras, centralizem seus estudos, visando qualificar professores competentes para mediar o conhecimento a indivíduos carregados de uma bagagem cognitiva, social e linguística. A proposta de uma gramática brasileira não denigre a atual, mas aperfeiçoa, e adequa a um povo independente.

Sabemos que não é tão simples mudar o sistema de ensino, por isso, a proposta é um ensino de modo intercalado, visando utilizar apenas o necessário da gramática portuguesa a fim de produzir uma boa comunicação, tanto oral como escrita. O Português lusitano é uma língua belíssima, no entanto, nós não pertencemos a essa cultura. Há muito, nós não usamos a segunda pessoa do plural, como também o futuro mais que perfeito. Seria incoerência dizer que a língua portuguesa atende às necessidades comunicativas dos brasileiros, uma vez que, como disciplina, é tachada de difícil e teórica.

O estudo dos metaplasmos contemporâneos nos possibilitou rever conceitos que antes foram apresentados como deslizos ortográficos ou de competência oral. No processo de comunicação há muito mais envolvido do que simplesmente erros. Considerar como erro algo que a ciência pode explicar é desconsiderar estudos e formulações que tentam quebrar essas barreiras preconceituosas.

Nossa pesquisa se fundamentou em discussões e investigações de linguistas e usuários da língua falada e escrita. Um português bem falado é resultado de uma boa leitura que advém de uma boa escrita. Parafraseando Marcos Bagno (2011), que chama alguns vocábulos portugueses de arcaísmos, é inviável o entendimento de palavras ou expressões que foram substituídas há muito tempo.

É comum enquanto professores, presenciarmos o uso de metaplasmos. O que cabe é assumir o caráter pragmático da língua e se adaptar a novas técnicas de ensino, baseadas no processo evolutivo da língua. Não estamos com esse trabalho, querendo dizer que a gramática normativa é sem valor, seria até ignorância supor tal afirmação; mas, é necessário rever alguns métodos de ensino, onde exista possibilidade de trabalhar a língua como ela de fato é.

Nossa pesquisa voltou-se para os caminhos que a Língua Portuguesa percorreu, até o estágio atual, e baseou-se na disposição dos falantes brasileiros de apropriar-se desse idioma. Muitos pesquisadores se interessam pelo o estudo diacrônico da evolução da língua portuguesa, porque além de esse campo possuir muitos vácuos, o ensino atual ainda se restringe ao limitado e insuficiente sistema tradicional e normativo. Tal concepção leva-nos a pesquisar e chegar à conclusão que não podemos ignorar os metaplasmos existentes, como se fossem mera coincidência. Os metaplasmos são parte de uma língua em pleno uso. É preciso que todos assumam e compreendam o viés que a língua portuguesa seguiu, e em que ela se tornou aqui no Brasil.

O que cabe ao linguista é rever os conceitos, analisar a norma-padrão sob uma ótica crítica e realista. O que é perceptível no sistema de ensino hoje, são tentativas de apropriar-se da língua de modo tradicional, conservador e antiquado. Há tempos não surge progresso ao ensinar todos os modos e tempos verbais, seja pelas formas dos verbos ou mesmo pelas pessoas gramaticais. Há um distanciamento no fator gramática/realidade. Precisamos de argumentos convincentes quando supomos que o nosso aluno está falando errado, ou não é “bom em português” porque talvez ele tenha falado “nóis vai” ou “a gente vamos”. O vislumbre da Língua Portuguesa será menos a cada metaplasmo não reconhecido, a cada neologismo, ou redundância, tidos como erros crassos. Se nada for feito, será preciso muito mais que um diploma para ensinar o português de Portugal.

Tendo em vista o exposto, espera-se que nosso trabalho traga contribuições para o campo linguístico e pragmático, validando ideias capazes de se tornarem teorias, e um dia serem colocadas em prática. Esse campo de pesquisa é novo ainda, no sentido de que há muito o que investigar e descobrir. Não há como resistir ao tempo e sempre estar com os pés fincados, por assim dizer, em uma gramática estrangeira. Enquanto isso acontecer, haverá sempre preconceito linguístico e social. É preciso adequar a língua ao povo. Um país que predomina várias línguas inconsistentes, aos poucos perderá seu valor linguístico. E como foi dito no início desse trabalho, a riqueza que mais fascina perderá seu brilho e sua identidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. Rodovia SP-141, km 43 Cesário Lange, SP 18285-901, Brasil.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta:** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Gramática Histórica:** do latim ao português brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

_____. Gramática pedagógica do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOTELHO, José Mario. LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos contemporâneos: Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. Disponível em: www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/.../isabellelinsleite.pdf. Acesso em 05/05/2016 às 08:00 hrs.

CARVALHO, Dolores Garcia. **Gramática Histórica:** para o 2º grau e vestibulares. 13 ed. São Paulo: Ática, 1981.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. **As bases filosóficas da gramática normativa:** uma abordagem histórica. Janus, lorena, ano 1, nº 1, 2º semestre de 2004.

NARO, A.; SCHERRE, Marta. Origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa.** Ateliê Editorial, 2008.